

A QUEIMA, O GESTO E O CORPO: A PERFORMANCE DAS “GRAVADURAS A FERRO E FOGO” COMO POÉTICA DE RE- CRIAÇÃO

*THE BURNING, THE GESTURE AND THE BODY: THE PERFORMANCE OF
“IRON AND FIRE ENGRAVINGS” AS POETICS OF RE-CREATION*

Raquel Fernandes

Instituto Federal Fluminense/PPGHA-UERJ

Resumo: O texto traz uma leitura da ação do artista e seu corpo para o processo de criação e execução da série “gravaduras a ferro e fogo”. Jorge dos Anjos (1957) refaz o caminho do povo preto e reelabora uma partitura corporal que escreve com signos-símbolos e geometria sensível a história marcada na pele-feltro. A partir da análise deste conjunto de obras, do levantamento bibliográfico e de entrevista com o artista, observa-se de forma gradual esse percurso refeito. Elementos construtivos costuram a memória do corpo negro que elabora uma nova performance para reexistir na contemporaneidade.

Palavras-chave: performance, arte afro-brasileira, diáspora, contemporânea.

Abstract: *The text brings a reading of the artist's action and body to the process of creation and execution of the series “engravings by iron and fire”. Jorge dos Anjos (1957) retraces the path of the black people and reworks a body score that writes with signs-symbols and sensitive geometry the history marked on the felt-skin. From the analysis of this set of works, the bibliographic survey, and an interview with the artist, one may gradually observe this retraced path. Constructive elements sew the memory of the black body that elaborates a new performance to re-exist in contemporaneity.*

Keywords: *performance, Afro-Brazilian art, diaspora, contemporary.*

Introdução

O presente trabalho abre uma possibilidade de leitura da ação do artista e seu corpo no espaço para o processo de criação, elaboração e execução da série “gravaduras a ferro e fogo”, O artista Jorge dos Anjos (1957), mineiro de Ouro Preto, refaz o caminho das diversas diásporas do povo preto e reelabora uma partitura corporal que reescreve com signos-símbolos e geometria sensível a história marcada na pele-feltro. O diálogo traçado neste trabalho pretende ir ao encontro da história da arte, da antropologia, da diáspora e da religiosidade afro-brasileiras. A partir da análise deste conjunto de obras, do levantamento bibliográfico e de entrevista com o artista, o texto pretende apresentar de forma gradual esse percurso. Uma inversão performativa onde o processo de produção da obra e seu resultado, além de se relacionarem, também iluminam o passado marcado pela escravidão e seus horrores. Elementos construtivos da sua formação e vivência, desde Amílcar de Castro, Rubem Valentim e outras afro-referências até um devir de um sentir afro-brasileiro e barroco mineiro de Aleijadinho, costuram a memória de um corpo negro que elabora uma nova performance para reexistir na contemporaneidade.

Obras da exposição “Instante Infinito”, realizada no ano de 2017 pelo artista e o escritor e curador Ricardo Aleixo na Galeria do BDMG Cultural se configuram como o nosso objeto de análise. A abertura do olhar para o seu processo de criação revelou um movimento e uma partitura corporal que se mostra re-criada, re-memorada e re-inventada. A mostra reuniu diferentes obras do artista mineiro, em diversos formatos e suportes, mas serão nas “Gravaduras” que nós iremos nos deter para pensar a performatividade do fazer.

No conjunto idealizado e executado diretamente em parceria com o poeta Ricardo Aleixo,

Jorge mostra sua escola precisa, geométrica e construtivista que o forma como artista, juntamente com a estética do exagero e dos vazios simbólicos do Barroco e do Rococó na qual ele cresce na cidade de Ouro Preto. Um artista mergulhado na dualidade e cheio de coragem de experimentar. Vigorosa e ao mesmo tempo delicada, pujante e sutil, a arte de Jorge dos Anjos em parceria com Aleixo “produz um diálogo que fascina pela coragem de experimentar e encanta pela beleza, honrando a qualidade e o rigor típicos dos artistas mineiros”. (TAVARES, 2017)

Desde a adolescência Jorge já se sabia artista e experimentou muitos temas, técnicas e suportes como óleo sobre tela, óleo sobre cartão, nanquim, pedra, madeira; esculpiu e desenhou formas e paisagens de Ouro Preto, festejos e o homem comum. Mas, segundo Sampaio (2010), ao enfrentar a dura realidade do homem trabalhador negro do Brasil, nos ecos do regime militar, resolveu seguir o conselho de outro mestre e amigo. Nello Nuno (1939-1975) o encorajou a buscar novos sentidos e encontrar a sua história na obra; e foi então que ele mergulhou nos temas próprios da sua existência com engajamento social e político, introduzindo assim as questões da negritude.

1. A Ferro e Fogo

Com a presença constante do ferro como elemento principal de muitas de suas obras, Jorge dos Anjos estabelece algumas dualidades constantes no seu fazer artístico. Para dominar o ferro, cortá-lo, dobrá-lo e modificá-lo, trazendo outras formas e sentidos é necessário que existam ferramentas e materiais específicos para transformá-lo. O fogo entra como elemento dominador do processo para, ao final, prevalecer a forma rígida na estrutura e fluida nos sentidos. Projetada, desenhada e construída a partir de símbolos que transitam da geometria para a an-

cestralidade.

As forças formadoras dessa obra singular atuam em direção convergente, partindo de territórios distintos. Como toda arte que busca refletir, expressar e mobilizar “verdades” pessoais e universais, territórios físicos e culturais, a criação em processo de Jorge dos Anjos realiza com inteireza e intensidade essa proposta, tratando como princípio a constituição de uma linguagem que possa expressar, refletir, ordenar e dar sentido à sua experiência de ser e estar no mundo. (SAMPALAI, 2010. P.9)

Na busca de uma linguagem própria, a partir dos ensinamentos construtivos de seu mestre Amílcar de Castro, somado aos seus estudos e experimentações, Jorge segue a linha da geometria simbólica, e assim como Rubem Valentim (1976), cria seus signos-símbolo que buscam transformar a linguagem visual e ressignificar sua mística ancestralidade.

O rigor técnico da geometria é apaziguado com a fluidez imagética criada a partir da conexão com a memória ancestral. Para Jorge, os elementos e suas transformações durante o processo também recriam a energia dos deuses, semi-deuses e guerreiros cultuados nas religiões de matriz africana, que no Brasil também se reúnem no Candomblé.

O ferro que fora fecundado no solo a partir do mito da criação do mundo e habita no fundo da terra é extraído; assim sendo é transformado com o fogo e se reestrutura. Elemento de Ogum, orixá da tecnologia, da ciência, da transformação e da descoberta, o ferro é dominado pelo fogo e se transforma nas armas de luta e de resistência. Assim como Valentim, ele busca a paisagem urbana, a rua, a praça, os prédios públicos, os conjuntos arquitetônicos. De maneira sintética ele caminha para um processo de humanização integrando “arte-ecologia-urbano-

-arquitetural”. (VALENTIM, 1976).

Com a inquietude que o move, o artista, para além do processo simbólico da matéria prima do seu trabalho, além de evocar a força de Ogum no seu processo, quis também restaurar a performance do fazer e ressignificar o corpo negro na relação com o ferro, o fogo e a pele.

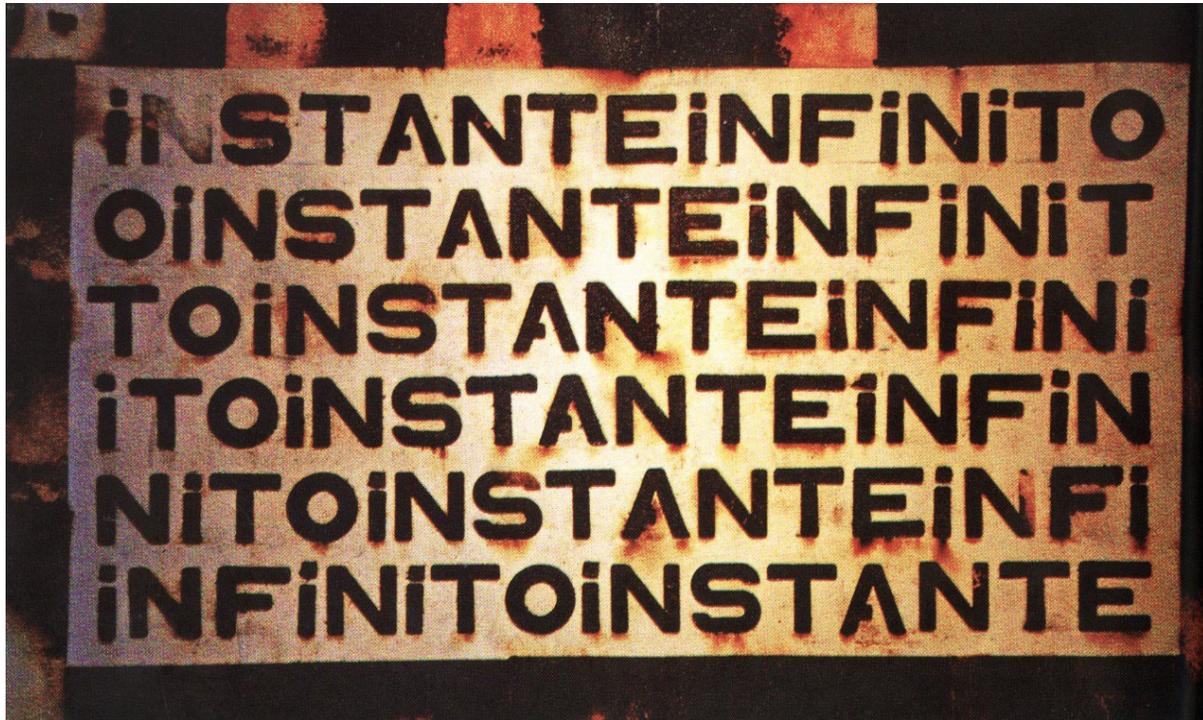
2. As Gravaduras e sua feitura: a performance do artista

A série de obras a que nos deteremos agora é o recorte específico deste trabalho e consiste em um conjunto de objetos bidimensionais feitos com feltro e marcados com o ferro quente a fim de produzir desenhos, riscos, textos e sentidos. Como podemos ver na figura 1 que vem a seguir, a obra revela a versão em “gravadura a ferro e fogo”, como chama o artista, do poema visual “Instante Infinito” de Ricardo Aleixo.

As letras são gravadas no feltro a partir do molde quente e marca o tecido formando o poema. Essa junção de sentidos oferece ao espectador diversas leituras e sensações. A disposição das letras e o jogo paralelo e preciso de áreas escuras marcadas pelo fogo com áreas claras que não foram queimadas, mas receberam o calor, constrói nuances e traz a sensação de cheio e vazio que está inserida em sua obra. Além disso, a repetição da letra na diagonal confere ritmo e continuidade cíclica, trazendo a sensação real de infinitude do instante e de movimento contínuo entre lembranças e esquecimentos, presença e ausência. Segundo fala do próprio artista em uma visita em seu ateliê “A Casa do Fazer”, em 2018: “Nós não sabemos aonde começa e nem aonde termina, mas compreendemos que tudo está lá: o tempo passado e o presente”. (DOS ANJOS, 2018)

A construção da obra envolve o corpo inteiro no espaço. Desde a preparação do instrumento da queima (espécie de espeto longo, ou verga-

Figura 1. “Gravadura a Ferro e Fogo” – Jorge dos Anjos e Ricardo Aleixo. Gravação a ferro e fogo do poema “Instante Infinito” de Ricardo Aleixo. Belo Horizonte, Brasil. 2017. (Fonte: Catálogo de exposição Galeria de Arte BDMG Cultural)



lhão com a letra ou a forma geométrica soldada em uma das pontas), até o espaço onde o fogo irá se desenvolver para o aquecimento do instrumento de queima. Existe também o local, o terreno, onde o feltro se estica no chão e se deixa queimar para marcar as formas e os signos. Ao toque do objeto quente no tecido, ouve-se o barulho do resfriamento imediato e da marca inserida no suporte. A fumaça é constante e todo o processo se dá como uma inversão performática. A pele do corpo negro, que no passado escravagista era queimada com instrumentos de tortura e identificação, agora inverte os papéis e dominando o instrumento, a forma e a linguagem, marca o objeto reescrevendo suas lutas e sua existência.

Figura 2. Processo de Criação/produção – Jorge dos Anjos. Fotografia, acervo pessoal do artista. Belo Horizonte, Brasil. 2017. (Fonte: Catálogo de exposição Galeria de Arte BDMG Cultural)





Figura 3 - Processo de criação/produção - Jorge dos Anjos. Fotografia, acervo pessoal do artista. Belo Horizonte, Brasil. 2017. (Fonte: Catálogo de exposição Galeria de Arte BDMG Cultural)

Todo o processo é simbólico e efêmero e dialoga com o resultado final e com a pulsão inventiva e gráfica do artista. Segundo CONDU-RU “Vital, essa pulsante geometria é, ao mesmo tempo, um indício do processo de vir-a-ser da obra e um elemento propulsor de sua fruição, evidenciando uma plasticidade a envolver matérias, linguagens e sujeitos”. (2011, s/p).

A partir da ampliação de diversas leituras, fruição, experiência e compreensão das obras de arte pelo campo da antropologia e da história da arte, abre-se um novo universo dialógico. É importante, cada vez mais, buscarmos nas duas disciplinas a alteridade como ponto comum, articulando a arte com as lutas, as histórias e a existência dos sentidos.

Em seu livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais”, (2013), Stuart Hall traz várias percepções e ideias dos estudos culturais e da representatividade étnica na cultura popular. Em dado momento do texto ele elabora um pensamento acerca das tradições diaspóricas, as experiências históricas e as memórias que caracterizam e codificam essa produção cultural.

O autor elenca três tópicos que dão arcabouço ao seu argumento: primeiro a ideia do estilo, que para os críticos da corrente hegemônica eurocentrada está ligado a superficialidade e, no entanto, o estilo da cultura que produz a estética negra é mais do que uma embalagem, ele também é matéria e escopo do que é representado; segundo, refere-se a língua e a linguagem, pois o mundo hegemônico, dominante e logocêntrico passou por uma desconstrução da escrita e o “povo da diáspora negra”, segundo ele, encontrou na música e no ritmo uma forma profunda de expressão; e terceiro, o corpo, como único capital cultural material que o negro escravizado e arrancado do seu lugar de origem trouxe para a nova terra, sendo este o

suporte principal para a sua expressão cultural e a sua arte.

Existem aqui questões profundas de transmissão e herança cultural, de relações complexas entre as origens africanas e as dispersões irreversíveis da diáspora; questões que não vou aprofundar aqui. Mas acredito que esses repertórios da cultura popular negra – uma vez que fomos excluídos da corrente cultural dominante – eram frequentemente os únicos espaços performáticos que nos restavam e que foram sobredeterminados de duas formas: parcialmente por suas heranças, e também determinados criticamente pelas condições diaspóricas nas quais as conexões foram forjadas. (HALL, 2013. P.381)

Dialogando com este pensamento podemos ver no estilo da obra um posicionamento político e histórico do artista, que absorve e constrói uma poética carregada de matéria em si, do discurso de estar, de ser e de pertencer e não apenas a elaboração de um estilo. Segundo, que podemos ver o domínio da linguagem estabelecida, a desconstrução da mesma e a reestruturação a partir da sua riscadura brasileira, que como diria Rubem Valentim em seu Manifesto Ainda que Tardio de 1976, “uma linguagem plástica-visual-signográfica” que está ligada “aos valores místicos profundos de uma cultura afro-brasileira”. E terceiro, porque seu processo é sonoro desde o tintilar do fogo, o som do ferro a partir do aquecimento e resfriamento, isto é, dilatação e contração, o som do feltro quando sofre a queima e libera a fumaça e soma-se a isso, a interação do corpo com a obra que dança e se move ao som da chama e do ferro em transformação e desenha o espaço para imprimir a imagem no chão, na terra, que serve de base para a sua existência.

Há, em todo esse fazer, um processo de dar outro significado a este aparato tecnológico apropriado das práticas de terror exercidas

sobre milhões de homens e mulheres negros e negras que foram arrancados de suas origens e submetidos ao trabalho escravo no Brasil. A impressão a ferro e fogo em seus corpos, transformados em mercadoria, propriedade do outro e objeto no passado, toma o protagonismo e cria novos objetos que recontam e costuram uma história, preenchendo as lacunas de sentidos, no presente.

Figura 4 – Gravadura a Ferro e Fogo – Jorge dos Anjos. Feltro, 207 x 135 cm. Belo Horizonte, Brasil, 2009. (Fonte: Catálogo de exposição Galeria de Arte BDMG Cultural)



O ato artístico está em toda composição, desde o processo de produção até a organização precisa e geométrica em harmonia com as nuances de tons, a textura do feltro, queimado ou não, que se difere aos olhos. As combinações signográficas nos sugerem uma escrita ancestral, e, de acordo com o nosso domínio das linguagens, podemos dar diversos sentidos às palavras que surgem pelas combinações das letras

e/ou das formas.

O ato religioso está em todo processo, pois Ogum possui a tecnologia do fogo e domina o ferro, transformando-o e dando vida e sentidos. Abre os caminhos da diáspora e retoma a memória para romper o processo de “obliteração da lembrança” (NASCIMENTO, 2019). Este apagamento, segundo Abdias Nascimento, está estritamente ligado ao interesse de minimizar o sentimento de empoderamento fornecido pelo domínio e pela prática da cultura, da arte e da religião afro-brasileiras. A presença da religião africana no nosso país é tão latente que é impossível dissociar a produção artística brasileira de um modo geral do culto, das crenças e dos elementos da natureza.

Paralela a isso, existe uma questão política intrínseca nestas obras. É importante lembrar, dizer, mostrar e trazer à tona a existência do negro no Brasil, como ele chegou aqui e por quê? E ainda refletir sobre as questões da necessidade constante de apagamento dessa história. Esquecer os horrores da escravidão e a riqueza da cultura e da religiosidade africanas que vieram para o Brasil, faz parte de um projeto político das classes dominantes. Segundo Abdias Nascimento, este processo é importante porque ao mesmo tempo que este apagamento alivia a culpa dos descendentes dos escravocratas, erradica o sentimento de orgulho da religiosidade e da cultura que alimentam a sua identidade original e a sua força, e dessa forma enfraquece a população afro-brasileira. (2019).

3. Considerações Finais

Do pensamento à execução, da produção ao resultado final, este conjunto de obras abordado aqui neste trabalho nos faz embarcar em uma reflexão do tempo, da história e da arte afro-brasileiras. Não é uma viagem que nos afasta da contemporaneidade, mas que provo-



Figura 5 – Versão em “gravadura a ferro e fogo” do poema visual “Intercalos” de Ricardo Aleixo – Jorge dos Anjos. Feltro. Belo Horizonte, Brasil. 2009. (Fonte: Catálogo de exposição Galeria de Arte BDMG Cultural)

ca e encurta as distâncias de tempos passados com o momento presente. Um movimento de ligar os tempos, de construir uma leitura nova do alfabeto simbólico, geométrico e preciso que Jorge dos Anjos executa, juntamente com a poesia concreta de Ricardo Aleixo e traz pra linguagem brasileira um pensar e existir atávico, a riscadura afro-brasileira.

A última obra deste trabalho trazida nesse conjunto resume esse jogo de ir e vir, de lembrar e esquecer, que vão e voltam como as ondas do

mar. Em encontro com o artista, no seu ateliê e na exibição, ele “ensina” a ler a obra de maneira formal e orienta que nos deixemos levar pelas ondas do mar. Que esta é uma das formas para ler, mas que podemos reler como quisermos. A “gravadura” representada na (figura 5) faz uma versão de um outro poema, e na forma construtiva de queimar e escrever, repetindo o jogo de cheios e vazios, imita as ondas do oceano na construção das frases. O poema diz: “Ouvir cada intervalo que modela a forma das ondas desde

o fundo do mar”.

Aqui, além de nos colocar em situação de desconforto visual, a obra nos sugere não só o movimento das ondas, de vai-e-vem, mas de vertigem do mar, por forçar o espectador a levantar e baixar os olhos trazendo a sensação do balanço das águas para que, ao fim, encontremos um sentido real. Na inquietude de se expressar, Jorge esculpe as palavras e de forma poética, mas com o rigor construtivo que lhe é natural, nos faz entrar em contato ainda mais com a sua forma de pensar e fazer a sua obra. Do projeto à gravura, o processo se constrói na mente, passa para o papel, toma forma no fogo e é materializado no “tecido-pele”:

Referências

ALEIXO, Ricardo. SANTOS, Ângelo O. de Araújo. TAVARES, Rogério Faria. **Instante Infinito – Jorge dos Anjos e Ricardo Aleixo**. catálogo. – Belo Horizonte : BDMG Cultural, 2017.

ALMEIDA, Anderson Diego da S; GAIA, Rossana Viana; LIMA, Maria de Lourdes. **Santos e Orixás: sincretismos, estética e arte afro-brasileira na estatuária da Coleção Permanença**. In: Revista Crítica Histórica. Universidade Federal de Alagoas. Ano VII, nº14, 2016. Link de acesso: <https://bitlyli.com/vtGre>

CONDURU, Roberto. **Construção e Libido**. In: Coleção Jorge dos Anjos. Catálogo. Organização: Irena Seabra dos Anjos. - Belo Horizonte : Edição do Autor, 2011.

HALL, Stuart. Da Diáspora: **Identidades e mediações culturais**. Org: Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et al.]. 2ª Ed – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2013.

Histórias Afro-Atlânticas: [vol. 1] catálogo. Organização: Adriano Pedrosa, Tomás Toledo. – São Paulo : MASP: Instituto Tomie Ohtake, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista ; Prefácio: Kabengele Munanga; textos de Elisa Larkin Nascimento e Valdecir Nascimento. 3ª Ed. rev. São Paulo : Ed. Perspectiva ; Rio de Janeiro : Ipea-

fro, 2019.

VALENTIM, Rubem. **Manifesto ainda que Tardio – (1976)**. In: Rubem Valentim: construções afro-atlânticas/ catálogo. Curadoria Fernando Oliva; organização editorial Adriano Pedrosa e Fernando Oliva – São Paulo : MASP, 2018.

SAMPAIO, Márcio. **Jorge dos Anjos: Risco, Recorte, Percorso**. Coord: Jorge Luiz dos Anjos; Organização: Irena Seabra dos Anjos e Janaina Alves Melo – Belo Horizonte : C/Arte, 2010.

SANTOS, Ângelo Oswaldo de Araújo. **A Escultura de Jorge dos Anjos**. In: Jorge dos Anjos Esculturas Ouro Preto – Catálogo. Organização: Irena Seabra dos Anjos. Belo Horizonte : Edição do Autor, 2014.

Raquel Fernandes

<https://orcid.org/0000-0002-3418-5336>

Doutoranda em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ. Professora de História da Arte e Teorias do Teatro no Curso Superior de Licenciatura em Teatro e no Bacharelado em Design Gráfico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - IF-Fluminense. Pesquisa teatro, artes plásticas, arte afro-brasileira, estudos étnicos, linguagens e educação.